

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO - CSE
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS - CNM
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Júlio Kern

Transformações do sistema de integração suinícola catarinense e os impactos sobre a agricultura familiar: um estudo de caso dos municípios de Arroio Trinta, Iomerê, Lindóia do Sul, Presidente Castello Branco e Xavantina

Florianópolis

2021

Júlio Kern

Transformações do sistema de integração suinícola catarinense e os impactos sobre a agricultura familiar: um estudo de caso dos municípios de Arroio Trinta, Iomerê, Lindóia do Sul, Presidente Castello Branco e Xavantina

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Econômicas do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em 2021
Orientador: Prof. Fábio Pádua dos Santos

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra

Kern, Júlio

Transformações do sistema de integração suinícola catarinense e os impactos sobre a agricultura familiar : Um estudo de caso dos municípios de Arroio Trinta, Iomerê, Lindóia do Sul, Presidente Castello Branco e Xavantina / Júlio Kern ; orientador, Fábio Pádua dos Santos, 2021. 56 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio Econômico, Graduação em Ciências Econômicas, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Ciências Econômicas. 2. Agricultura Familiar. 3. Agroindústria. 4. Suinocultura. I. Santos, Fábio Pádua dos . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Econômicas. III. Título.

Júlio Kern

Título: Impactos do Sistema de Integração Suinícola nos municípios catarinenses
Florianópolis, 13 de Setembro de 2021.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e aprovado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Dr. Fábio Pádua dos Santos,
UFSC

Prof.(a) Dr Arlei Luiz Fachinello
UFSC

Prof.(a) Dra. Carmen Rosário O. G. Gelinski
UFSC

Certifico que esta é a **versão original e final** do Trabalho de Conclusão de Curso que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Economia por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Prof.(a) Dr. Fábio Pádua dos Santos,
Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Fábio Pádua dos Santos, meu orientador, que teve bastante paciência e me ajudou a concluir este trabalho.

RESUMO

O presente trabalho buscou analisar as transformações ocasionadas pela relação entre a agroindústria suinícola e a agricultura familiar em Santa Catarina. A partir do final do século XX, intensificaram-se as estratégias utilizadas pelas empresas agroindustriais para se tornarem competitivas no mercado internacional, provocando uma reorganização da cadeia produtiva. A implantação do sistema de integração, comandado pelo capital agroindustrial, aumentou o grau de dependência dos produtores pelas agroindústrias no processo de criação, afetando diretamente a agricultura familiar e os municípios dependentes dessa atividade. Verificou-se a hipótese de que a concentração da produção suinícola provocou o abandono em massa da atividade pelos produtores familiares, dificultando a reprodução da vida desses produtores no mundo rural. Para tanto, foram selecionados cinco municípios com maior relevância do valor de venda de suínos por produtores familiares no PIB municipal, quais sejam: Arroio Trinta, Iomerê, Lindóia do Sul, Presidente Castello Branco e Xavantina. Com base nesses municípios, realizou-se uma análise exploratória das transformações dos estabelecimentos agropecuários a partir de dados coletados nos Censos Agropecuários de 2006 e 2017. Além disso, buscou-se avaliar o efeito dessas transformações sobre a dinâmica socioeconômica mundial, em especial sobre a população, o nível de renda per capita, a arrecadação tributária, o emprego e o índice de desenvolvimento sustentável. O trabalho concluiu a partir do estudo de caso que as transformações observadas no sistema de integração da agroindústria suinícola levaram a uma maior concentração da atividade produtiva de suínos, modificando a zona rural e as comunidades que dependem dessa atividade, em especial, dificultando a manutenção da agricultura familiar.

Palavras-chave: Agricultura Familiar. Agroindústria., Suinocultura.

ABSTRACT

This research aims to analyze the transformation in pigfarming sector and family agriculture relations in Santa Catarina state. From the end of the 20th century, the agroindustrials strategies intensified to become competitive in the international market, this movement reorganized the market chain. The implementation of an integration system led by agroindustrial capital increased the farmers dependence on agroindustry. The family agriculture and cities that depends on this activity were directly affected. We hypothesize that the concentration caused a mass abandonment of the family pig farming as well as handicapped this class in agricultural production. Therefore, was established the recent path in pig farming, that concentrated the activity and selected the producers. For this purpose, five cities were selected according to them relevance in the sales amount of pig meat from family producers in the cities GDPs, which are: Arroio Trinta, Iômerê, Lindóia do Sul, Presidente Castello Branco e Xavantina. Based on this, an exploratory analysis of the transformation in agricultural establishments was held based on agricultural census from 2006 and 2017. In addition, the research pursued to examine the transformation's effects on world's social and economic dynamics, mainly on population, per capita income, tax collection, employment and the sustainable development index. The research concluded, from the case study, that transformations in integration system from pigfarming industry lead a more concentrated activity, in order to change the countryside and its dependent communities, specially causing a hamper for the family agriculture preservation.

Keywords: Family agriculture. Agroindustry. Pigfarming.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: PRODUÇÃO DE CARNE SUÍNA MUNDIAL.....	1
FIGURA 2: REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DO SISTEMA AGROINDUSTRIAL DE SUÍNOS.....	10
FIGURA 3: SISTEMAS DE PRODUÇÃO DE SUÍNOS COM PESO E IDADE DE SAÍDA DA GRANJA	11
FIGURA 4: TRANSAÇÕES ENTRE SUINOCULTORES, SEUS FORNECEDORES E A AGROINDÚSTRIA DE ABATE E PROCESSAMENTO.	14

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS COM SUÍNOS	20
Tabela 2: ÁREA EM HECTARES DESTINADA A CRIAÇÃO DE SUÍNOS	21
Tabela 3: PERCENTUAL DA ÁREA DESTINADA A CRIAÇÃO DE SUÍNOS EM RELAÇÃO À ÁREA TOTAL DESTINADA A AGROPECUÁRIA	22
Tabela 4: EFETIVO DE SUÍNOS	23
Tabela 5: PERCENTUAL DO VALOR DE VENDA DE SUÍNOS EM RELAÇÃO AO PIB	24
Tabela 6: POPULAÇÃO OCUPADA NA AGROPECUÁRIA	25
Tabela 7: POPULAÇÃO TOTAL NA PECUÁRIA E CRIAÇÃO DE OUTROS ANIMAIS	26
Tabela 8: TOTAL OCUPADO NA CRIAÇÃO DE SUÍNOS	26
Tabela 9: POPULAÇÃO POR MUNICÍPIO	31
Tabela 10: PIB REAL PER CAPITA (R\$ de 2017).....	32
Tabela 11: EMPREGOS FORMAIS	33
Tabela 12: ARRECADAÇÃO TRIBUTÁRIA COMO PERCENTUAL DO PIB	35
Tabela 13: ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS MUNICÍPIOS CATARINENSE (IDMS).....	36

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: PARTICIPAÇÃO RELATIVA DA VENDA DE SUÍNOS NO PIB (%).....	3232
---	------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

ACCS - Associação Catarinense de Criadores de Suínos

BNDS - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

BRF - Brasil Foods

FAESC - Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Santa Catarina

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICEPA - Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina

ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

JBS - Empresa de alimentos fundada por José Batista Sobrinho.

MDIC - Ministério das Relações Exteriores

OMC - Organização Mundial do Comércio

P&D - Pesquisa e Desenvolvimento

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

UPL - Unidade de Produção de Leitões

USDA - United States Department of Agriculture

VBP - Valor Bruto de Produção

SUMÁRIO

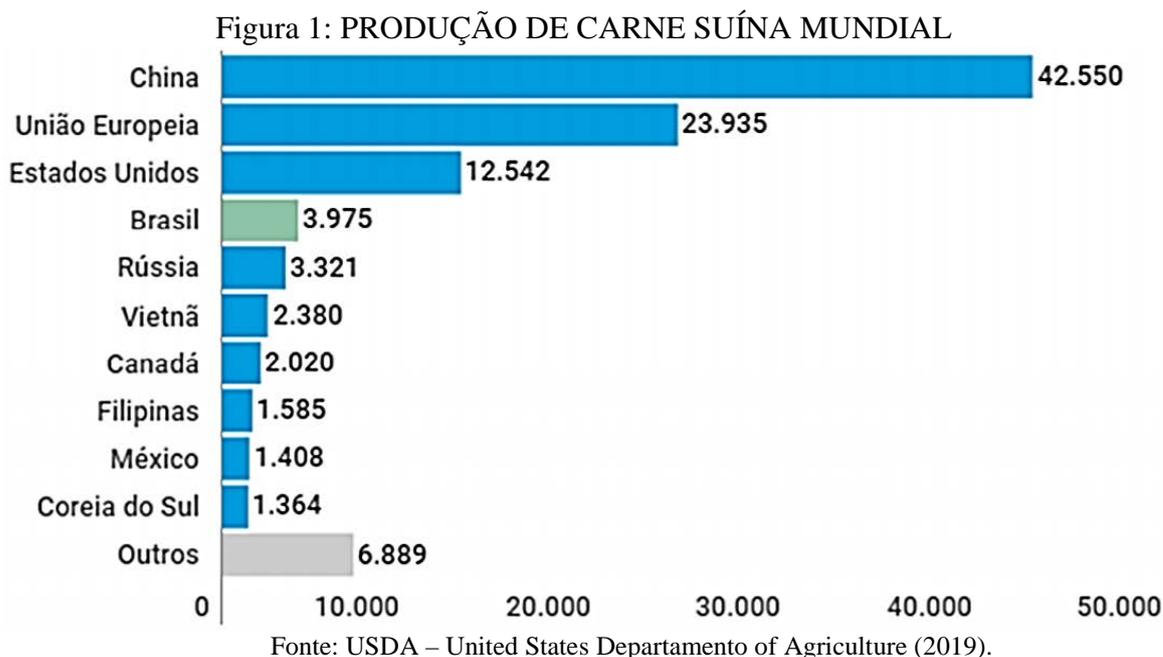
1	INTRODUÇÃO	1
1.1	TEMA, PROBLEMA E JUSTIFICATIVA	1
1.2	OBJETIVOS.....	4
1.2.1	Objetivo Geral.....	4
1.2.2	Objetivos Específicos.....	4
1.3	METODOLOGIA	5
1.4	ESTRUTURA DO TRABALHO.....	5
2	CADEIA PRODUTIVA SUINÍCOLA E AGRICULTURA FAMILIAR.....	7
2.1	GLOBALIZAÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES NA CADEIA PRODUTIVA DE SUÍNOS	7
2.2	O SISTEMA DE INTEGRAÇÃO AGROINDUSTRIAL E AS RELAÇÕES COM A AGRICULTURA FAMILIAR	12
2.3	IMPACTO SOBRE A AGRICULTURA FAMILIAR	16
3	TRANSFORMAÇÕES NA AGRICULTURA FAMILIAR SUINÍCOLA EM SANTA CATARINA	20
3.1	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS.....	20
3.2	ÁREA DOS ESTABELECIMENTOS.....	21
3.3	EFETIVO DE SUÍNOS	22
3.4	VALOR DE VENDA.....	23
3.5	EMPREGO.....	25
4	EFEITOS SOBRE A DINÂMICA ECONÔMICA DOS MUNICÍPIOS.....	29
4.1	POPULAÇÃO	30
4.2	RENDA	32
4.3	EMPREGO.....	33
4.4	ARRECADAÇÃO TRIBUTÁRIA	34

4.5	ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS MUNICÍPIOS CATARINENSES	35
5	CONCLUSÃO	38
	REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

1.1 TEMA, PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

A cadeia produtiva suinícola de Santa Catarina vem passando por transformações desde o final do século XX devido às pressões exercidas pela ampla concorrência global. Na tentativa de consolidarem-se no mercado internacional, as empresas agroindustriais adotaram estratégias para acelerar a integração e a modernização da estrutura produtiva. Por um lado, essas medidas aceleram o processo de concentração da produção, alterando a organização da cadeia produtiva suinícola; por outro, o estreitamento dos vínculos com o suinocultor remunera os estabelecimentos conforme a produtividade, de modo que são selecionados somente aqueles que podem ofertar a quantidade demandada de suínos, com baixo custo de produção.



De acordo com dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), disponíveis no site da Embrapa (2020), o Brasil figura como quarto maior produtor mundial de carne suína em 2019. O estado de Santa Catarina destaca-se sendo responsável por 27,15% da produção nacional, configurando-se como maior produtor e exportador do país (AGROSTAT, s.d.).

Para alcançar essa posição de liderança, a agroindústria suinícola, além de enfrentar as frequentes oscilações de preços no mercado e as crescentes economias de escala, precisa lidar com outras formas de barreiras à entrada, como de controle da sanidade animal e questões ambientais, relacionadas ao tratamento de dejetos. A agroindústria teve que procurar novas regiões cujos custos de produção são menores, mas sobretudo reposicionar as relações com os produtores rurais integrados.

Nas décadas de 1990 e 2000, o sistema produtivo suinícola passou por um processo de industrialização e concentração, expandindo a escala produtiva, ao mesmo tempo em que buscou reduzir os custos de produção e logística. Os pequenos agricultores que no início entraram como sócios ou acionistas dos frigoríficos, aos poucos foram excluídos, à medida que o valor de suas cotas de participação tornou-se insignificante, encaminhando o objetivo de tornar os frigoríficos uma empresa capitalista e o empresário industrial seu único proprietário (RADIN; CORAZZA, 2015).

A abertura comercial transformou o complexo produtivo da suinocultura, provocando reorganização espacial da produção, pressionando as agroindústrias a modernizar a estrutura produtiva. A estratégia de integração dos produtores as agroindústrias poderão transformar o meio rural em um espaço curto de tempo. Diante da globalização criou-se um impulso para os avanços tecnológicos e maior controle das empresas e dos meios de produção, relocando a população agrícola para outros setores ou ramos de atividade econômica, ou simplesmente excluindo famílias do processo econômico em geral, tornando difícil a permanência em áreas rurais.

Entre 2006 e 2017, houve uma diminuição de -7,9% no número de propriedades familiares com suínos no estado. Estabelecimento que podem ser caracterizados pelo proprietário ou alguém com laços de parentesco estar gerindo a propriedade. E o não familiar, que são aqueles especializados na produção, sob gestão empresarial, que tiveram um crescimento de 42% em onze anos (IBGE, 2006, 2017)

O presente trabalho pretende analisar as transformações que impactaram na reprodução da agricultura familiar no setor. Para tanto, fez-se um recorte temporal entre os anos de 2006 e 2017, a partir de dados coletados nos Censos Agropecuários, bem como um recorte de espaço, selecionando os cinco municípios catarinenses com valores mais expressivos na venda de suínos por estabelecimentos familiares, que são: Arroio Trinta,

Iomerê, Lindóia do Sul, Presidente Castello Branco e Xavantina, exemplificando e facilitando a visualização do problema.

Diante desse contexto, surgem os seguintes questionamentos que serão respondidos:

- a) Como a lógica da globalização pressionou para a reorganização das empresas agroindustriais suinícolas;
- b) Como essa reorganização alterou o sistema de produção de suínos em Santa Catarina?
- c) Ao substituir o sistema de produção de suínos como o sistema de integração com a agricultura familiar foi alterado?
- d) Por fim, quais os efeitos sobre a dinâmica econômica nos municípios em que a renda da atividade suinícola familiar é relevante para a economia local?

As atividades agropecuárias de Santa Catarina são referenciadas pela produtividade e baixa concentração das propriedades agrícolas, o crescimento das agroindústrias da carne e o aumento dos rebanhos, transformou o cenário e ampliou os desafios para a agricultura familiar, que foram deslocadas do processo de produção. Diante das estratégias das empresas transnacionais em ser competitivas no mercado internacional, visando reduzir os custos, e conseguir ganhos de escala e escopo (HIRATUKA; SARTI, 2015).

A realização do trabalho está ligada à relevância do tema para a realidade nacional e catarinense. A suinocultura em Santa Catarina configura-se como atividade com ampla relevância para o estado, devido a geração de empregos diretos e indiretos, e por produzir grande quantidade de proteína de alta qualidade, em um território pequeno, com eficiência e alta produtividade.

O desenvolvimento da suinocultura gera efeitos multiplicadores de renda e de emprego em todas as esferas da economia, impulsionando a procura de insumos agropecuários, pela expansão e modernização dos setores da comercialização e das agroindústrias. Como já afirmado em trabalhos posteriores por Mior (1992), há uma preocupação crescente com o desenvolvimento rural e com a construção de estratégias alternativas de inserção da agricultura familiar, pois não há indicativos de outras possibilidades para a agricultura familiar ligada a suinocultura, além da integração com as grandes agroindústrias.

Historicamente, o desenvolvimento da suinocultura no Brasil deu-se inicialmente como atividade desempenhada somente por pequenos agricultores, produzindo para o consumo próprio e para trocas entre produtores. Com o passar dos anos, esse ramo foi inserido aos princípios organizacionais de produtividade e comercialização, evoluindo para um sistema de produção para termos comerciais. (MIOR, 2005)

O setor contribui, ainda, para diminuir a taxa de desemprego e, em consequência, melhorar as condições de vida da população, conciliando o desenvolvimento econômico com o social (SILVA, 2008). Atualmente, a suinocultura é uma das atividades do agronegócio que mais emprega no campo e consegue fixar o produtor na área rural, um dos maiores desafios da agropecuária nacional (CNA, 2016). Ressalta-se, ainda, a importância da criação de políticas que possam auxiliar os produtores familiares a adequar-se a um novo modelo de produção diversificado e sustentável, visando à permanência no meio rural, na tentativa de auxiliar os milhares de agricultores que estão abandonando a produção de suínos em busca de alternativas de produção.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O presente trabalho tem por objetivo analisar o impacto das transformações do sistema de integração suinícola catarinense nas condições de reprodução da agricultura familiar entre 2006 e 2017 nos municípios, Arroio Trinta, Iomerê, Lindóia do Sul, Presidente Castello Branco e Xavantina.

1.2.2 Objetivos Específicos

1. Apontar as transformações do sistema de integração da agroindústria suinícola a partir de fins do século XX;
2. Destacar as estratégias adotadas pelas empresas agroindustriais para competir no mercado internacional dos suínos;
3. Identificar os pontos de contato entre a agricultura familiar e a agroindústria ao longo da cadeia produtiva suinícola;

4. Realizar uma análise exploratória da condição da agricultura suinícola familiar e não familiar a partir dos censos agropecuários de 2006 e 2017;
5. Identificar possíveis consequências das transformações da agricultura familiar sobre o nível de vida e sobre o nível de atividade econômica dos municípios selecionados.

1.3 METODOLOGIA

Esse trabalho teve início a partir de um levantamento histórico da formação da cadeia produtiva suinícola de Santa Catarina, fez-se uma busca de bibliografia utilizando-se livros e artigos acadêmicos, para fins de compreensão da evolução do modelo de produção da suinocultura.

Realizou-se uma coleta de dados, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), utilizando do método comparativo, para compreender o contexto da suinocultura, entre os censos agropecuários de 2006 e 2017. A partir dos resultados observou-se as transformações da cadeia produtiva. A pesquisa envolve esses dois períodos, de acordo com a disponibilidade de informações fornecidas pelo IBGE.

A escolha dos municípios, de abrangência da pesquisa, levou em consideração o valor da venda de suínos por estabelecimentos familiares. Selecionou-se os cinco municípios com maior contribuição para o PIB municipal, pela produção dos agricultores familiares, são eles: Arroio Trinta, Iomerê, Lindóia do Sul, Presidente Castello Branco e Xavantina. Essa delimitação se deu para facilitar o cumprimento do objetivo da pesquisa.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho está dividido em três capítulos além desta introdução e da conclusão. No Capítulo 2 apresenta-se uma compreensão global das transformações na cadeia produtiva de suínos, passando a diferenciar as relações da agricultura familiar, antes e depois do sistema de integração agroindustrial, concluindo pela concentração produtiva da suinocultura. No capítulo 3, exploram-se os dados dos Censos Agropecuários referentes aos estabelecimentos agropecuários dedicados a produção de suínos nos municípios selecionados para a pesquisa. No capítulo 4, é apresentado os efeitos sobre a dinâmica econômica dos

municípios selecionados, com a pretensão de demonstrar quais foram as mudanças que aconteceram a partir das transformações da atividade suinícola.

2 CADEIA PRODUTIVA SUINÍCOLA E AGRICULTURA FAMILIAR

2.1 GLOBALIZAÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES NA CADEIA PRODUTIVA DE SUÍNOS

A cadeia produtiva suinícola de Santa Catarina está entre as mais competitivas do planeta. Historicamente, os agricultores familiares tiveram papel fundamental no desenvolvimento da produção, desde o final do século XX. A globalização e a intensificação do processo de integração provocaram uma reorganização da cadeia, desarticulando a reprodução da agricultura familiar. Pressionados, os produtores devem buscar modernizar as unidades de produção, e aqueles que não conseguirem manter-se na atividade possuem duas alternativas principais: substituir por outro produto rentável ou migrar para centros urbanos, provocando transformações sociais e econômicas nas localidades que dependem da produção de suínos.

A globalização econômica trouxe desafios para todos os setores produtivos, pois os produtos deixaram de competir somente no mercado interno. Essa lógica pressionou o capital agroindustrial ligado à suinocultura a modernizar sua estrutura produtiva e a criar produtos para serem comercializados globalmente. Uma das estratégias das agroindústrias para atingir o mercado internacional foi ampliar o sistema de integração da produção, diminuindo o custo do produto e tornando-o competitivo.

De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), em 2020, o Brasil foi o terceiro maior produtor de carne suína do mundo contabilizando 4,4% do total, sendo China a maior produtora com 41,1% do rebanho mundial, seguida por Estados Unidos com 8,4%. Sendo que o Brasil fornece a maior parte para o consumo interno, 84% da produção (ABPA, 2019).

A cadeia produtiva suinícola do estado tem mostrado ótimo desempenho no cenário internacional nas últimas décadas, apesar do enfrentamento às barreiras técnicas e do acirramento da concorrência diante de um mercado competitivo. Uma empresa, região ou país espera manter a sua competitividade no cenário internacional de forma sustentada com capacidade de ampliação da participação na oferta internacional, sem que o produto perca a qualidade.

Por isso, a competitividade entre as empresas pode ter origem em duas causas: sistêmicas e não sistêmicas. A causa sistêmica na cadeia produtiva suinícola ocorre quando existe certa competição entre duas empresas e recebem alguma influência externa ao setor, podendo ser provocada por políticas estatais, afetando a economia como um todo; um exemplo poderia ser implantação de uma ferrovia, que provocaria melhorias na competitividade internacional das agroindústrias locais. Uma causa não sistêmica de competitividade seriam causas internas à empresa, pela ampliação do setor de pesquisa e desenvolvimento, por exemplo, ou pela aplicação de um treinamento da mão de obra (BRAND, 2018).

Ao buscar serem competitivas, as empresas agroindustriais adotam estratégias e criam barreiras à entrada de novos produtores. Inclusive é feita uma seleção dos produtores para identificar aqueles capazes de arcar com altos investimentos, utilizam esse método para manter o setor competitivo no mercado internacional.

Celso Furtado afirmou que quanto mais as empresas se globalizam, quanto mais escapam da ação reguladora do estado, mais tendem a se apoiar no mercado externo para crescer, a busca das grandes companhias pela participação no capitalismo global (FURTADO, 1999).

A partir da década de 1990, a abertura comercial pressionou a modernização do complexo produtivo da suinocultura, com o objetivo de o setor elevar o nível de eficiência, através da intensificação tecnológica e aumentar as exportações. Ao mesmo tempo, as agroindústrias exigiam a redução dos custos de produção, com o foco em manter a participação na oferta de suínos, seguindo um padrão de qualidade. (COLETTI, 2009).

Objetivando a inserção no mercado global, a intensificação do processo de concentração de poder entre os grandes conglomerados econômicos criou novas técnicas de gestão e de incorporação dos avanços em logística e informática. Em consequência, houve a expansão nos processos de proliferação de fusões e aquisições das agroindústrias, que são compostas por frigoríficos, fábrica de rações e moinhos, modificando as estruturas produtivas, fizeram crescer a parcela de mercado ocupada pelas empresas dominantes do setor (BRAND, 2018).

O avanço dos incentivos de órgãos públicos na primeira década do século XXI, como pelo acesso ao crédito barato e pela integração dos produtores às agroindústrias, tornou a cadeia articulada nas etapas de fornecimento e suprimento de matéria-prima, centralizando as

tomadas de decisões para as empresas, que concentraram o poder entre grandes conglomerados econômicos (COLETTI; LINS, 2011).

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) lançou em 2008 a política das “campeãs nacionais”, com objetivo de financiar e articular fusões e aquisições das principais empresas agroexportadoras do país. As agroindústrias também utilizaram das políticas de crédito para o financiamento da sua estrutura industrial e comercial.

As poucas empresas líderes do setor adotaram estratégias que centralizaram as decisões da cadeia produtiva. São as principais agroindústrias do estado, a BR Foods, (composta por Perdigão e Sadia), Aurora, formada por diversas cooperativas, e a Seara Alimentos - que passou a ser controlada pelo Grupo JBS, maior processadora e exportadora de carne do mundo.

Sendo, um banco do Governo Federal, voltado para o desenvolvimento econômico e social, é contraditório que se direcione recursos públicos para atividades que geram empregos em outros países, como é o caso da JBS, que internacionalizou a produção com apoio do BNDES.

A desregulamentação intensificada pelos fluxos internacionais, financeiros e de mercadorias, fez com que houvesse uma reorganização espacial dos processos produtivos, aprofundando o caráter oligopolista das estruturas de oferta privada em nível mundial, exercendo fortes pressões sobre os trabalhadores e maiores dificuldades para o exercício regulador do Estado (TOMÉ; LINS, 2011).

Vale destacar o caso das cooperativas do setor suinícola, que trabalham com sua própria rede de produção, processamento, industrialização e distribuição de carne. Elas seguem a mesma lógica de mercado da agroindústria convencional, buscando economia de escala e especialização como estratégia de organização da produção e industrialização. Evidentemente as escalas do sistema agroindustrial cooperativo são menores que as da agroindústria convencional. A cooperativa Aurora, por exemplo, cresceu e foi construindo plantas industriais como alternativa às aquisições de frigoríficos menores. (MIOR, 2004)

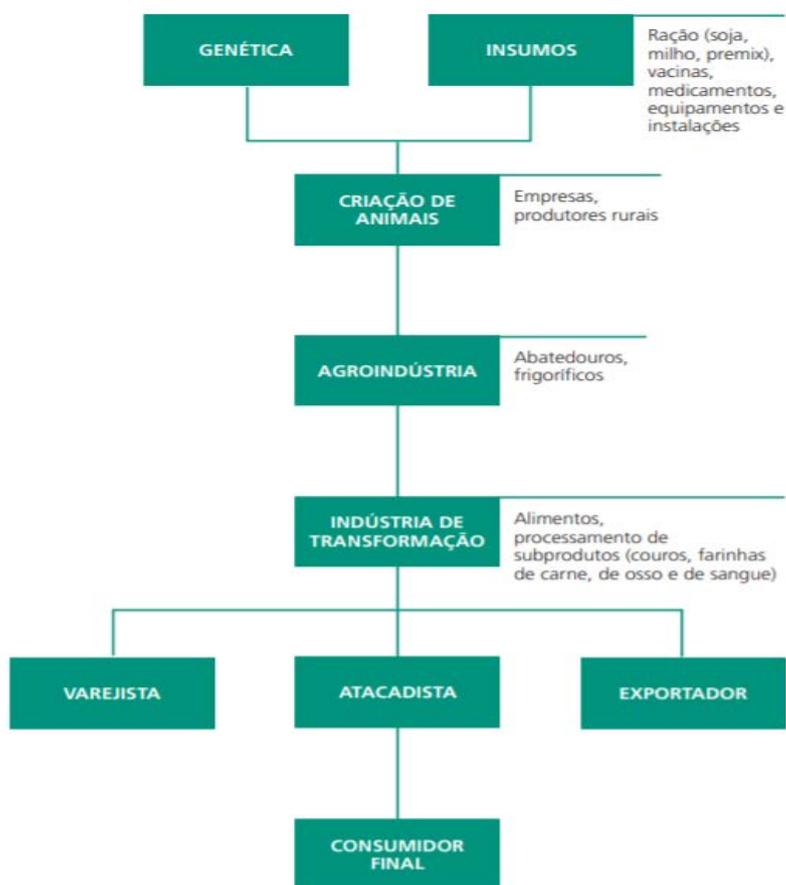
O desenvolvimento de novas tecnologias foi condição primordial, pois permitiu a intensificação da globalização e, conseqüentemente, o processo de reestruturação produtiva. A mundialização do capital é uma nova etapa para a evolução do capitalismo mundial, provocando reorganização espacial da produção, com efeitos no desenvolvimento econômico,

permitindo que ocorra uma mercantilização aprofundada, através da concentração e acumulação do capital (CHESNAIS, 1996)

O mundo globalizado apresenta uma transição da lógica competitiva entre empresas da mesma cadeia de suprimentos. Para uma competição entre cadeias, os desafios socioambientais intensificam-se, ao passo que o fluxo de transações de todos os tipos aumenta: materiais, informacionais e financeiras (SILVA; VENDRAMINI, 2020).

As mudanças na produção de suínos passaram por transformações mundiais, tendo efeitos importantes advindos da globalização. As mudanças da parte de controle da produção acabaram retirando o aspecto cultural histórico dos produtores, tornando mediador no processo de produção e alienado ao sistema de integração. A figura abaixo é uma representação esquemática do sistema agroindustrial de suínos, mostrando todos os elos da produção, até chegar ao consumidor final.

Figura 2: REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DO SISTEMA AGROINDUSTRIAL DE SUÍNOS



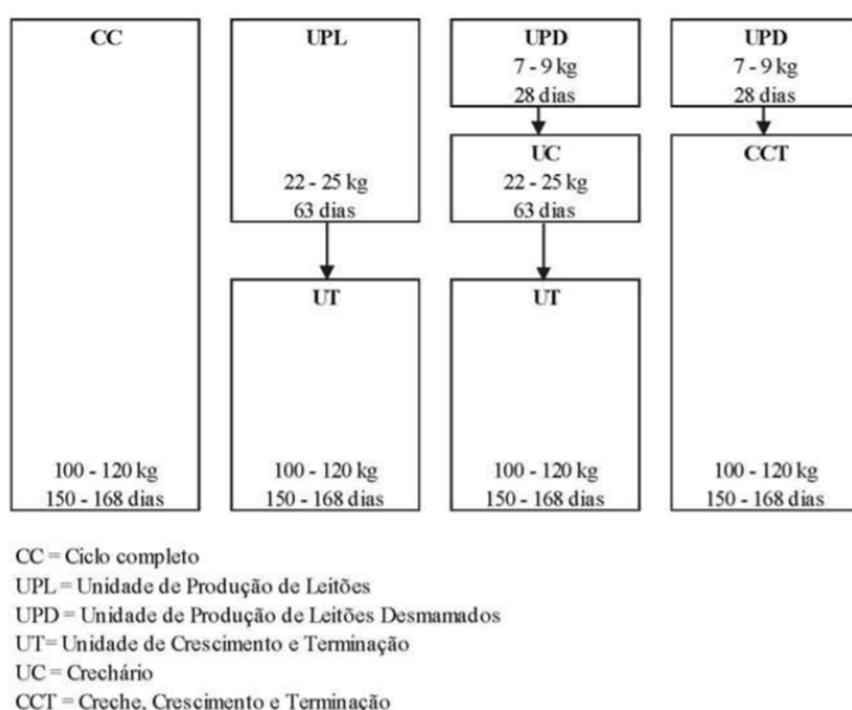
Fonte: BNDES. (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social)

Cabe resumir o processo produtivo para uma melhor explanação da cadeia de suínos, que é composta por indústrias produtoras de insumos (ração, vacinas, medicamentos, equipamentos e genética), granjas (criação de animais), agroindústria (abatedouros/frigoríficos), indústria de alimentos, distribuidores (atacado e varejo) e posteriormente os consumidores finais (SANTINI; FILHO, 2004).

A figura 3 mostra as fases do sistema de produção, com o tempo médio em cada estágio e indicando o peso que o leitão deve atingir. O processo de produção é dividido em diferentes tipos de estabelecimentos.

Na Unidade de Produção de Leitões (UPL), o produtor se responsabiliza pelo cruzamento e reprodução (feito por inseminação artificial), do processo de gestação, e desmame dos leitões, onde ficarão durante poucos dias até atingir o peso necessário, até 63 dias chegando de 23 a 25 quilos. Na creche (UC), o objetivo é que o leitão ganhe peso rápido até atingir o peso esperado que chega em média aos 25kg, a fase da terminação (UT), o estágio final que serve para a engorda até atingir o peso do abate, entre 100 kg e 120 kg.

FIGURA 3: SISTEMAS DE PRODUÇÃO DE SUÍNOS COM PESO E IDADE DE SAÍDA DA GRANJA



Com a intensificação da globalização no final do século XX, foram provocadas transformações no qual as empresas locais que se inseriram no processo produtivo global. As vantagens comparativas do estado o tornam competitivo e com alta participação no mercado, nacional e internacional. O espaço territorial com escala e aproveitamento das oportunidades, se coloca em melhores condições para usufruir dos benefícios proporcionados pelas cadeias de valor (PRADO, 2003). A próxima seção apresenta um panorama de como as estratégias do sistema de integração agroindustrial suinícola, altera o cenário agrícola a partir dos critérios de seleção dos produtores.

2.2 O SISTEMA DE INTEGRAÇÃO AGROINDUSTRIAL E AS RELAÇÕES COM A AGRICULTURA FAMILIAR

A cadeia produtiva suinícola, desde a década de 1980, passa por transformações que reorganizaram a produção de suínos no estado, sob pressão da globalização e da competição do mercado internacional, o que levou à concentração e exclusão de milhares de famílias, desarticulando e reestruturando a produção em favor das agroindústrias, que conseqüentemente prejudica a reprodução e traz conseqüências para a agricultura familiar pela perda da capacidade de negociação e pela transferência da gestão de custos para as empresas.

A busca incessante por criar produtos competitivos no mercado internacional faz com que as empresas e cooperativas dominantes, utilizem do sistema de integração para comandar a lógica produtiva da cadeia, estabelecendo por meio de contratos e acordos prévios, maior produtividade e eficiência, estimulando inovações e importando máquinas e equipamentos usados nos principais países produtores, mesmo que ao final da produção, a pequena margem de lucro não permite mais do que a subsistência.

O sistema de integração é articulado pela empresa agroindustrial, que monitora e fornece ao produtor ração, medicamentos, assistência técnica e veterinária, delegando a função da criação dos animais, e ao final do processo são transferidos às empresas para o abate.

Os insumos são disponibilizados aos poucos, à medida que os suínos vão se desenvolvendo, e o produtor controla a quantidade de insumos utilizados. O preço pago será de acordo com a produtividade, pela diferença entre a receita e o custo médio da produção de um leitão (SANTOS, 2011).

As mudanças trazidas pelo processo de integração, da parte de controle da produção, acabam retirando o aspecto cultural histórico dos produtores, tornando-os meros mediadores da produção, alienados ao sistema de integração. Em consequência, provocam rupturas nos sistemas produtivos da agricultura familiar, com reflexos no desenvolvimento econômico dos municípios, criando e recriando desigualdades sociais.

Segundo um estudo da Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS), 40% dos produtores brasileiros eram integrados em 2015 e 22% faziam parte de alguma cooperativa, que aplica o mesmo modelo de parceria, os produtores são selecionados para a produção pelas agroindústrias, de acordo com seu perfil e potencial de investimento.

Os produtores que assumem maior risco são os produtores independentes. Nesse sistema, as agroindústrias compram os animais no final da criação, o produtor pode decidir sobre os insumos utilizados e a quantidade produzida, o método de manuseio e cuidados até a venda da produção, assumindo maiores riscos, pois seu capital de giro é próprio, porém não conta com a garantia de comercialização dos suínos (GARCIA FILHO, 1999; MIGUEL, 2010). Os objetivos de produção entre integrados e independentes são diferentes, porém usam os mesmos princípios buscando uma gestão eficiente, minimizando os custos, para obtenção de margem alta, e o reinvestimento dos lucros em novas tecnologias.

O independente terá maior elasticidade da sua receita, por exemplo, quando o preço do milho estiver em baixa, ele terá maior lucratividade, porém os custos de infraestrutura e o capital de giro serão de sua responsabilidade, correndo um risco maior, pois ele mesmo passa a negociar os insumos da produção e ofertar os suínos no mercado.

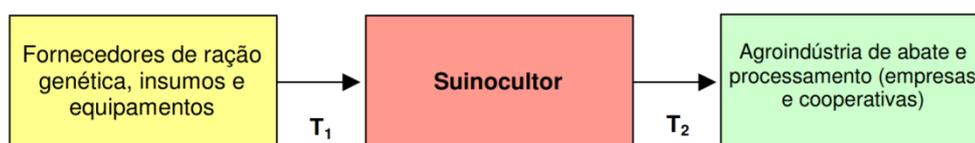
Já os produtores ligados ao capital agroindustrial, pelo sistema de integração, ajudam a desenvolver a divisão da produção, acelerando o processo para os animais atingirem rapidamente o peso esperado. O modelo de ciclo completo, com a produção no mesmo estabelecimento, já foi ultrapassado, entretanto, os produtores de suínos que possuíam autonomia nas decisões, passaram a ser subordinados aos mandos de uma central de controle das grandes empresas do setor. Não havendo outra forma de produzir a não ser colaborar com as determinações, caso contrário há o rompimento da parceria do vínculo.

As agroindústrias modificaram a maneira de atuação no setor, passaram de frigoríficos a produtoras de rações, ampliando a pesquisa em melhoramento genético e da produção dos leitões. As exigências exercidas sobre os agricultores estão relacionadas aos padrões tecnológicos, como equipamentos sofisticados e dos materiais utilizados na construção dos galpões, também aos tamanhos mínimos das estruturas de criação. (COLETTI, 2009).

O sistema de integração é sucessor do modelo convencional, através da modernização agropecuária, focada na especialização das atividades e no aumento da escala de produção. A concentração do poder está nas mãos de poucos grandes conglomerados econômicos. Tem-se observado também a evolução das cadeias agroalimentares, que estão se tornando cada vez mais concentradas em grandes empresas, nos âmbitos nacionais e internacional, seguindo as tendências gerais verificadas no processo de globalização. (MIOR, 2005)

A figura 2 representa, no primeiro momento (T1), o fornecimento dos insumos necessários para os suinocultores pelas companhias agroindustriais, em seguida pela aplicação mão de obra na criação do suíno (T2) repassam o suíno para essas empresas, onde passam por uma série de processamentos até a comercialização.

Figura 4: TRANSAÇÕES ENTRE SUINOCULTORES, SEUS FORNECEDORES E A AGROINDÚSTRIA DE ABATE E PROCESSAMENTO.



Fonte: Zylbersztajn (2005).

Há uma coordenação das empresas sobre os produtores que possibilita a padronização dos leitões, ou seja, a qualidade da matéria prima é influenciada pela fiscalização aos suinocultores, que estão diretamente ligados a agroindústria, a qual presta assistência técnica especializada em cada estágio da produção, para manter um padrão de qualidade. No entanto, os acordos prévios dos preços, ficam livres para flutuar de acordo com a oferta e demanda do mercado.

A remuneração do produtor é calculada conforme os resultados técnicos atingidos, como peso e conversão alimentar. “Através deste modelo de produção, a empresa consegue preestabelecer os padrões na produção e ainda manter sob o seu controle ideológico e

econômico o produtor, estabelecendo uma relação de dependência agricultor/empresa” (ALBA, 1998, p. 29).

Existe um impasse na elaboração de preços entre integradores e integrados. Para diversos produtores, os preços pagos pelas agroindústrias ou frigoríficos são baixos, não sendo suficiente para suprir os custos dos recursos aplicados nas instalações, nem a despesa com mão de obra. As indústrias julgam que o valor pago ao produtor se enquadra perfeitamente às suas peculiaridades, na proporção em que dispensam da atividade o seu risco inerente, visto que o capital de giro da produção não é desembolsado pelo produtor. (SANTOS, 2011)

As exigências passaram a ser rigorosas em relação à adoção de determinados padrões tecnológicos (relacionados principalmente a equipamentos e materiais utilizados na construção dos galpões), e quanto aos tamanhos mínimos das estruturas de criação. A cadeia suinícola pode ser caracterizada por ser verticalizada, desde os insumos básicos necessários para a produção até a distribuição e comercialização final do produto. (SANTOS, 2011)

Os estabelecimentos integrados servem como apoio as grandes companhias para a ampliação dos lucros, seja pela mão de obra barata, com os gastos de energia e água, o serviço de legalizar as licenças ambientais e de condicionar o estabelecimento para a produção. E também a relação de fornecimento do produto genético, medicamentos e ração são abusivas ao elo mais fraco da cadeia. (MIOR, 2005)

O produtor cumpre o papel do investidor, tendo de lidar com prejuízos e com as imprevisibilidades da produção. Em troca, recebe uma parcela do total dos lucros já estabelecida previamente, por contratos de longo prazo. O valor dos suínos é ajustado de acordo com o preço que está em vigor no dia de entrega e com base em cotações do mercado local e regional.

A integração exige um fornecimento padrão dos suínos para o abate. Conseqüentemente, há uma ampliação da produtividade agropecuária e uma expansão da produção de leitões. O modelo centralizou a produção impedindo a ampliação de projetos frigoríficos com menor capacidade, que poderiam contribuir para o desenvolvimento regional. O produtor de suínos pode ofertar somente para as agroindústrias, pela qual é vinculado via contrato, por conta das cláusulas de exclusividade. (MIELE, 2006)

A suinocultura atravessou recentemente um movimento de integração no país, atingindo estados que anteriormente não possuíam grande participação na produção nacional.

Embora Santa Catarina e Rio Grande do Sul continuem sendo os estados de maior produção e exportação, a região Centro-Oeste também teve incrementos tanto na exportação quanto na produção, principalmente nos casos de Goiás e Mato Grosso. (MORRETO; BRANDT, 2019)

2.3 IMPACTO SOBRE A AGRICULTURA FAMILIAR

Em consequência da série de eventos econômicos, desde o final do século XX - principalmente da globalização - a abertura comercial e o aumento da competitividade dificultaram a reprodução das unidades de produção da agricultura familiar no setor suinícola, gerando concentração da produção, provocada em grande parte pelo modelo de integração do capital agroindustrial, o que estreitou as relações com as unidades familiares. Também podem ser referenciadas por expressões como: mini fundiário, colono, pequeno produtor, trabalhador rural, campesinato - principalmente dentro dos marcos da análise marxista histórica (FERRARI, 2003).

Segundo documento de “Nota Técnica” do IBGE (2009), para determinar que um estabelecimento configura-se como unidade familiar ele deve: I- deter área não superior a quatro módulos fiscais; II- utilizar predominantemente mão-de-obra familiar na execução das atividades agropecuárias; III- ter renda familiar predominantemente do estabelecimento agropecuário; IV- dirigir o estabelecimento contando com a participação da família.

A agricultura familiar tem sua produção historicamente destinada ao mercado interno, abastecendo a população com os itens da dieta básica, contrapondo-se ao agronegócio exportador, dotado de técnicas e investimentos altos, que ocupa médias e grandes propriedades, nas monoculturas de commodities (INCRA/FAO, 2000; BITTENCOURT, 2003, cit por ZIMMERMANN, 2006, pp. 106).

Após a crise dos anos 80, o fracasso do modelo de substituição de importações, marcado pelas mudanças tecnológicas e organizacionais introduzidas, começou a minar a forma tradicional da produção familiar, passando a uma maior especialização e concentração da produção (TESTA et al, 1996).

Testa descreve que a verticalização da produção proporcionou a exclusão de milhares de famílias de pequenos agricultores do sistema produtivo e aumentou expressivamente a diversificação econômica no campo, intensificando o êxodo rural. Mostrou-se, assim, a

necessidade de políticas que possibilitem formas de viabilização econômica e reprodução social das famílias de pequenos agricultores na região. (TESTA et al, 2003).

Há uma luta, entre os agricultores marginalizados, por terra, direitos, inclusão. Eles buscam alternativas. Os agricultores excluídos do sistema de integração devem optar por modificar a planta produtiva dos estabelecimentos, diversificando a produção com outros produtos de valor comercial ou migrar para os centros urbanos, provocando o êxodo rural. Ocorre uma reorganização espacial de processos produtivos e o aprofundamento do caráter oligopolista das estruturas de oferta privada em nível mundial, impondo fortes pressões sobre os trabalhadores, não só devido ao progresso tecnológico, mas também dificuldades para o exercício regulador do Estado (COLLETI; LINS, 2011)

O nível de emprego e as famílias que continuam na agricultura sofrem as maiores consequências do processo de concentração da cadeia, pois empresas do mercado financeiro que ocupam o setor, estão focadas na demonstração de resultados lucrativos para seus acionistas. Para isso, os grandes investimentos devem buscar uma parcela cada vez maior de mercado. (ZUÑIGA; SORIA, 1991)

A concentração da produção provocou uma desarticulação e, conseqüentemente, uma reestruturação dos sistemas de produção e reprodução da agricultura familiar, desencadeando uma profunda crise para esse segmento de produtores. As novas exigências impostas pelos frigoríficos - como os aumentos de escala, novos sistemas de iluminação e ventilação e salas para as matrizes mais bem adaptadas, além da estratégia de trabalharem como produtores integrados que ficam dentro de um raio de abrangência mais próximo do frigorífico -, reduzem o número de produtores familiares. Dessa maneira, o futuro dessa atividade está ameaçado quanto ao seu aspecto social.

A crescente liberalização do comércio agrícola internacional, no debate político e nas negociações comerciais dos impactos da transnacionalização das empresas líderes do setor agroalimentar, afeta diretamente a agricultura familiar, que tem sua viabilidade social e econômica dependente de redes e mercados cada vez mais integrados, com aumento das exigências por padrões de qualidade.

Historicamente, a suinocultura aparece como atividade principal expressa no sistema de policultura, no qual o suíno é o mais importante produto comercializado pelas propriedades rurais e o pivô da organização produtiva e doméstica nessa escala.

O declínio da policultura tirou a suinocultura da qualidade de principal atividade em torno da qual se organizava o sistema de produção familiar, desaparecendo o encadeamento, que, em nível de propriedade, marcava o sistema de ciclo completo. A suinocultura passou a registrar tão somente a condição de uma prática econômica a mais, com a alimentação e os outros insumos, originando-se nas próprias empresas agroindustriais.

Como a maioria das propriedades tinha na policultura subordinada à suinocultura o seu regime central de produção, com repercussões em diferentes atividades, a referida exclusão abalou todo o sistema, com reflexos encadeados na economia regional (COLLETI; LINS, 2011)

Associado a esta desnacionalização, nos anos 90 houve uma redução brutal no número suinocultores. Segundo Goularti, em 1990, Aurora, Sadia e Perdigoão tinham uma rede nacional de 36.050 integrados, passando para 22.198 em 1999, representando uma queda geral de 38,4% na década.

Essas mudanças tiveram impacto positivo na produtividade. O movimento causado pelas transformações nas relações entre a agricultura familiar e as agroindústrias suinícolas é o ponto central na discussão deste trabalho. A integração e internalização da produção de suínos às agroindústrias provocaram uma crise profunda nos sistemas de produção da agricultura familiar, rompendo uma cadeia que tinha como característica o dinamismo econômico.

Além da exclusão dos pequenos produtores familiares da produção de suínos, poluição das águas pelos dejetos suínos, êxodo rural e regional, principalmente dos mais jovens, entre outros, são apresentados como os resultados menos nobres do modelo de agroindustrialização da região (MIOR, 2003).

A alternativa encontrada pelos agricultores foi complementar os sistemas produtivos diversificando suas atividades, diminuindo dependência em relação a um único produto. Porém, o mesmo processo que aconteceu com os agricultores familiares que foram expulsos da suinocultura pode chegar aos quais aderirem à produção alternativas, principalmente do fumo e leite. (COLLETI, 2009)

Wilkinson fala sobre as mudanças nos hábitos alimentares e das mudanças geradas na vida social. Tendo as empresas agroalimentares que definir estratégias diferentes, leva-se, desta forma, a uma briga constante pelo poder de mercado entre os diferentes setores que compõem a cadeia agroindustrial, com o mercado dividido por idade, tamanho da família,

consumo fora de casa, e pela incorporação de novas características aos produtos, priorizando a saúde, natureza, localidade e o caráter conservador dos consumidores (WILKINSON, 2002)

O capítulo 3 utiliza das informações expostas para analisar e comparar as transformações na agricultura familiar suinícola em Santa Catarina. Os municípios foram escolhidos de acordo com a relevância da suinocultura para a localidades e são aqueles que tiveram maior participação no PIB pela venda de suínos da agricultura familiar.

Os dados fornecidos pelo IBGE abrangem somente os períodos dos censos agropecuários de 2006 e de 2017, sendo que os dados coletados dizem respeito a agricultura familiar, não familiar e o total do período. Portanto, as variações que ocorreram nesse período servirão para entender quais foram as transformações que impactaram a agricultura familiar, por ser esse o setor que mais sofre os prejuízos da globalização, competição, integração das agroindústrias.

3 TRANSFORMAÇÕES NA AGRICULTURA FAMILIAR SUINÍCOLA EM SANTA CATARINA

Este capítulo pretende auxiliar na visualização das transformações, acima mencionadas, entre o capital agroindustrial e as famílias produtoras de suínos, sinalizando o impacto do sistema de integração da cadeia produtiva suinícola sobre a agricultura familiar. Os municípios selecionados são: Arroio Trinta, Iomerê, Lindóia do Sul, Presidente Castello Branco e Xavantina. Serão observadas as variações em termos de número de estabelecimentos, área dos estabelecimentos, tamanho do efetivo, população ocupada e valor de venda.

3.1 NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS

Desde o final do século passado a tendência da concentração do setor agrícola, aumentou os desafios para os agricultores familiares, segundo a FAO (2014) os efeitos são provocados pela globalização do setor alimentar, também pelas alterações climáticas, pela falta de serviços financeiros adequados, do pobre acesso ao mercado, da insegurança quanto a posse de terra e a baixa renda obtida com a atividade agrícola. Tornando o ambiente instável e de difícil permanência para a agricultura familiar em áreas rurais.

Com a implantação do modelo de integração houve uma transferência do controle da produção e do conhecimento, do agricultor para a empresas, dando preferência para os agricultores já estruturados e com possibilidade de expansão e investimento. As exigências das empresas por produtividade, sanidade animal e tratamento de dejetos e a elevação dos custos, impõe ao produtor um ambiente pouco animador (FACHINELLO, 2010).

Tabela 1: NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS AGROPECUÁRIOS COM SUÍNOS

Localidade	Familiar		Não Familiar		Total		Variação (%)
	2006	2017	2006	2017	2006	2017	
Arroio Trinta	154	160	20	38	174	198	13,8
Iomerê	109	84	12	20	121	104	-14
Lindóia do Sul	319	411	28	30	347	441	27,1
Presidente Castello Branco	181	159	15	13	196	172	-12,2
Xavantina	459	418	29	37	488	455	-6,8
Santa Catarina	73.708	67.883	8.616	12.251	82.324	80.134	-2,7
Brasil	1.275.865	1.185.495	220.246	285.775	1.496.111	1.471.270	13,8

Fonte: IBGE Censo Agropecuário (2006 e 2017).

Conforme a tabela 1, nos períodos de 2006 a 2017 em Santa Catarina, houve uma queda de 2,7% do total de estabelecimentos com suínos, uma diminuição de 5.825 estabelecimentos familiares e um aumento de 3.635 estabelecimentos não familiares.

Durante o período houve um aumento de 42,2% de estabelecimentos não familiares, e uma queda de -7,9% nos estabelecimentos familiares, a preferência por produtores empresariais pelas agroindústrias provoca a concentração no setor, que acontece de forma gradativa. Impossibilita a continuidade dos pequenos produtores, criando pressões através da transferência dos custos de produção.

3.2 ÁREA DOS ESTABELECIMENTOS

Conforme Fachinello, Santa Catarina é caracterizada por apresentar uma estrutura fundiária com estabelecimentos pequenos, de produção intensiva e diversa, com a base produtiva nos estabelecimentos familiares (FACHINELLO, 2010).

O indicador da área dos estabelecimentos tem como objetivo apresentar a variação do território ocupado pelas propriedades, a tabela 2 indica que houve uma tendência de diminuição da área em hectares destinada a criação de suínos, as exigências das agroindústrias na seleção dos produtores, requerer infraestrutura moderna que permite maior produtividade e com área e mão de obra reduzida. Para realizar o ciclo completo da produção a área utilizada era maior, as tabelas a seguir apresentam a diminuição das propriedades.

Tabela 2: ÁREA EM HECTARES DESTINADA A CRIAÇÃO DE SUÍNOS

Localidade	2006			2017			Variação 2017-2016		
	Familiar	Não Familiar	Total	Familiar	Não Familiar	Total	Familiar	Não Familiar	Total
Arroio Trinta	1.650	514	2.164	X	X	1.419	-	-	-34,4
Iomerê	824	297	1.121	X	X	1.580	-	-	40,9
Lindóia do Sul	5.157	804	5.961	X	X	1.572	-	-	-73,6
Presidente Castello Branco	2.058	193	2.251	X	X	763	-	-	-66,1
Xavantina	8.569	1.405	9.974	3.202	684	3.886	-62,6	-51,3	-61,0
Santa Catarina	149.691	76.417	226.108	62.779	49.543	112.322	-58,1	-35,2	-50,3
Brasil	1.273.551	2.158.827	3.432.378	919.786	1.220.522	2.140.308	-27,8	-43,5	-37,6

Fonte: IBGE Censo Agropecuário (2006 e 2017).

Apesar de abranger todos os tamanhos de estabelecimentos, a suinocultura está concentrada nas pequenas propriedades, a tabela 2 mostra que a área total ocupada no estado para a criação de suínos teve uma queda de 50,3%. A redução da área para criação de suínos,

só não ocorreu no município de Iomerê que teve um aumento de 40,9% a área utilizada, apesar do município apresentar maior queda no número total de estabelecimentos em menos 14%.

Tabela 3: PERCENTUAL DA ÁREA DESTINADA A CRIAÇÃO DE SUÍNOS EM RELAÇÃO À ÁREA TOTAL DESTINADA A AGROPECUÁRIA

Localidade	2006			2017			Diferença do total (p.p.)
	Familiar	Não Familiar	Total	Familiar	Não Familiar	Total	
Arroio Trinta	29,7	35,7	30,9	-	-	17,8	-13,1
Iomerê	13,7	24,9	15,5	-	-	17,9	2,4
Lindóia do Sul	40,2	19,3	35,1	-	-	9,2	-25,9
Presidente Castello Branco	38,6	23,5	36,5	-	-	13,9	-22,6
Xavantina	56,3	37,8	52,7	22,1	17,8	21,2	-31,5
Santa Catarina	5,7	2,2	3,7	2,6	1,2	1,7	-2,0
Brasil	1,6	0,9	1,0	1,1	0,5	0,6	-0,4

Fonte: IBGE Censo Agropecuário (2006 e 2017).

O percentual da área destinada a criação de suínos indica que as propriedades estão perdendo espaço em relação à área total destinada a agropecuária, Santa Catarina registrou uma queda de -2,0 pontos percentuais da área destinada a produção de suínos, em relação a área total destinada a agropecuária. Enquanto nos municípios selecionados a diferença foi maior, Xavantina foi destaque com menos 31,5 pontos percentuais em relação a agropecuária.

A redução da área dos estabelecimentos se deve em grande parte pela criação de suínos deixar de ser realizada no modelo de ciclo completo, no sistema de integração o leitão passa por várias etapas da criação em diferentes estabelecimentos, esse é um dos motivos que diminuiu o tamanho dos estabelecimentos.

3.3 EFETIVO DE SUÍNOS

A demanda global da carne suína, foi fomentada pelas estratégias das empresas que concentram a produção, em consequência na demonstração de resultados os custos para produzir caem, e a diversificação dos produtos a partir da carne suína criam novas demandas, atingindo maior parcela de consumidores.

O número de cabeças de suínos aumentou em escala nacional em 26,5% e estadual em 28,5% do total dos estabelecimentos. Em grande parte, o aumento se deve ao aumento das exportações durante o boom das commodities nas primeiras décadas do século XXI.

O município de Iomerê, teve uma queda do número de cabeças em - 47,7% nos estabelecimentos familiares, e cresceu em 5,8% do efetivo pelos produtores em estabelecimentos não familiares.

Tabela 4: EFETIVO DE SUÍNOS

Efetivo de suínos	Familiar		Não Familiar		Total		Variação (%)	
	Localidade	2006	2017	2006	2017	2006		2017
Arroio Trinta		43.219	63.296	26.246	26.863	69.465	90.159	29,8
Iomerê		135.190	70.638	115.687	122.406	250.877	193.044	-23,1
Lindóia do Sul		100.913	97.489	16.578	8.354	117.491	105.843	-9,9
Presidente Castello Branco		41.421	48.072	3.075	3.723	44.496	51.795	16,4
Xavantina		176.589	165.337	23.727	51.268	200.316	216.605	8,1
Santa Catarina		4.369.932	5.288.282	2.199.782	3.150.583	6.569.714	8.438.865	28,5
Brasil		18.411.976	20.237.925	12.777.375	19.108.267	31.189.351	39.346.192	26,5

Fonte: IBGE Censo Agropecuário (2006 e 2017).

O exemplo simboliza a reversão do rebanho para propriedades empresariais é Xavantina, porcentagem da elevação de suínos foi de 116,1% nesse tipo de estabelecimento. Aumento justificado pela implantação dos megaprojetos implantados com granjas altamente produtivas.

3.4 VALOR DE VENDA

Os contratos de produção ou de parceria determinam os mecanismos de remuneração, especificam os insumos a utilizar e os parâmetros de qualidade, o valor de venda representa o valor pago aos produtores pelas agroindústrias pela produção.

Os acordos entre as duas partes são formulados via contrato, no qual são estabelecidas as cláusulas que as empresas possam coordenar a transação com os suinocultores, definindo a fórmula de cálculo da remuneração, a partir da base medida pelo volume de cabeças ou peso de carcaça, multiplicada por um preço de referência no mercado. Em um contrato típico a agroindústria assume os riscos associados a variações nos preços dos grãos, mas transfere os riscos ambientais para o suinocultor (MIELE; WAQUIL, 2007)

A tabela 5 apresenta o percentual da venda de suínos em relação ao PIB. Percebe-se que, enquanto em Santa Catarina e no Brasil o percentual é baixo, nos municípios selecionados é visível a contribuição da suinocultura. Na participação do valor de venda no PIB, o município de Iomerê em pontos percentuais diminui em -16,56% sua contribuição na

venda de estabelecimentos familiar e aumento de 34,06% em não familiares, sendo que todos os municípios tiveram queda de participação familiar.

Tabela 5: PERCENTUAL DO VALOR DE VENDA DE SUÍNOS EM RELAÇÃO AO PIB

Localidade	Familiar			Não Familiar		
	2006	2017	Diferença (p.p.)	2006	2017	Diferença (p.p.)
Arroio Trinta	11,81	8,60	-3,20	5,64	10,25	4,61
Iomerê	25,27	8,70	-16,56	23,43	57,49	34,06
Lindóia do Sul	24,41	7,77	-16,65	4,16	0,99	-3,17
Presidente Castello Branco	21,81	9,69	-12,11	1,56	0,45	-1,10
Xavantina	25,07	18,51	-6,56	4,12	11,79	7,67
Santa Catarina	0,38	0,27	-0,10	0,24	0,45	0,22
Brasil	0,06	0,05	-0,01	0,06	0,12	0,06

Fonte: IBGE Censo Agropecuário (2006 e 2017) e Produto Interno dos Municípios.

Em Santa Catarina, houve um aumento do valor de venda dos produtores não familiares, superando o valor de venda obtido por suínos a nível nacional, pode indicar o grau de relevância que a atividade exerce. A inversão na participação das vendas, está alterando o cenário produtivo de suínos, enquanto no cenário estadual e nacional, os resultados foram similares, porém não com a mesma expressividade.

Houve uma diminuição do efetivo e dos estabelecimentos, porém percebe-se um aumento de três vezes no valor pago aos produtores privilegiados pelo capital agroindustrial. Quando se divide o valor de venda de suínos pelo número de cabeças: a média estadual foi de R\$ 142,32 por cabeça entre produtores familiares e R\$ 398,61 em estabelecimentos não familiares no ano de 2017; já em Iomerê o preço pago ao produtor ficou bem acima da média os produtores desse município receberam em média, R\$ 597,35 por leitão, diferença de quase quatro vezes maior que o preço recebido pelo produtor familiar. Enquanto em estabelecimentos familiares, o preço pago por leitão se manteve estável,

Essa é uma das estratégias para manter os grandes produtores, enquanto restarem produtores familiares ocupando esse setor, as empresas não estarão alcançando o lucro máximo, a cada incremento na receita margina por suíno reflete na demonstração para os acionistas.

O aumento efetivo com uma redução do número de estabelecimentos significa que a produção está concentrando principalmente entre produtores não familiares. Conseqüentemente os efeitos da concentração da produção suína é sentido de maneira drástica de forma a pressionar os moradores a migrarem em busca de novas alternativas de renda.

Levando a perda da população absoluta ligada a produção de suínos por conta da urbanização dessa população e da desistência da atividade agrícola da família, leva a uma transferência do patrimônio.

3.5 EMPREGO

Do total de 497,8 mil pessoas ocupadas em 2017 na agropecuária catarinense, identificou-se que 401,4 mil são pessoas com laços de parentesco com o produtor e 96,4 mil não tem laços de parentesco com ele; ou seja, 80% são pessoas da família do produtor rural. Portanto, a agropecuária catarinense desempenha um papel que vai além do econômico, mantendo o tecido social no meio rural e promovendo um desenvolvimento mais harmônico entre o rural e o urbano.

As tabelas abaixo confirmam a variação negativa do número de empregos nos estabelecimentos familiares e não familiares, apesar do IBGE inibir os valores para não identificar os informantes, a tabela apresenta um “X” nos dados não informados.

Conforme Fachinello, em 1970 a população catarinense estava concentrada 56,80% da população em áreas rurais. Após essa década reverteu a concentração para áreas urbanas, sendo também um fenômeno nacional, um dos motivos foi a tecnificação da mão de obra, que libera o contingente excedente. Essa substituição deve-se também às atrações das cidades, como condições de vida e de salário (FACHINELLO, 2010).

A característica de substituição da mão de obra familiar pode ser confirmada na tabela abaixo, na qual se verifica que, entre os dois censos, houve uma queda 47,4% dos trabalhadores da agricultura familiar. Está havendo uma tecnificação que exclui o modo antigo de produzir e transforma o estabelecimento em uma empresa rural.

Tabela 6: POPULAÇÃO OCUPADA NA AGROPECUÁRIA

Localidade	Familiar		Não Familiar		Total		Variação (%)
	2006	2017	2006	2017	2006	2017	
Arroio Trinta	1.201	650	514	X	1.310	845	-35,5
Iomerê	1.467	666	297	X	1.655	1.058	-36,1
Lindóia do Sul	3.497	1.587	804	X	3.791	1.828	-51,8
Presidente Castello Branco	1.645	679	193	X	1.814	758	-58,2
Xavantina	4.032	2.236	1.405	684	4.278	2.626	-38,6
Santa Catarina	837.922	364.043	76.417	49.543	954.567	501.811	-47,4
Brasil	21.175.160	10.115.559	2.158.827	1.220.522	24.593.911	15.105.125	-38,6

Fonte: IBGE Censo Agropecuário (2006 e 2017)

Verifica-se uma tendência de redução da população envolvida na pecuária e na criação de outros animais, essa tendência é preocupante pelo fato das pequenas cidades onde estão concentrados os estabelecimentos com suínos, não são adequadas para absorver tal fluxo de pessoas.

Tanto da população jovem que está propensa a migrar para centros maiores em busca de novas oportunidades, e os idosos que abandonam a produção por conta da impossibilidade de adequar-se às novas exigências das agroindústrias, acabam rompendo com a possibilidade da continuidade dos estabelecimentos agrícolas. (COLETTI, 2009)

Tabela 7: POPULAÇÃO TOTAL NA PECUÁRIA E CRIAÇÃO DE OUTROS ANIMAIS

Localidade	Familiar		Não Familiar		Total		Variação (%)
	2006	2017	2006	2017	2006	2017	
Nome	2006	2017	2006	2017	2006	2017	Variação (%)
Arroio Trinta	608	369	54	125	662	494	-25,4
Iomerê	654	473	118	316	772	789	2,2
Lindóia do Sul	2.777	1.212	190	132	2.967	1.344	-54,7
Presidente Castello Branco	1.237	581	108	32	1.345	613	-54,4
Xavantina	3.384	1.928	198	327	3.582	2.255	-37
Santa Catarina	340.080	170.986	52.333	57.279	392.413	228.265	-41,8
Brasil	8.749.298	4.648.355	1.782.812	2.182.763	10.532.110	6.831.118	-35,1

Fonte: IBGE Censo Agropecuário (2006 e 2017).

Principalmente produtores familiares, devem diversificar a produção como estratégia de permanência na área rural, em consequência da dificuldade na produção do suíno. Que se dá pelo pequeno mercado interno e dependência dos poucos mercados externos, ainda com fortes oscilações de preços. Também pelo aumento dos custos para suprir com as demandas por sanidade animal e tratamento de dejetos, facilitando os acordos dos pequenos produtores com as grandes empresas.

Tabela 8: TOTAL OCUPADO NA CRIAÇÃO DE SUÍNOS

Nome	Familiar		Não Familiar		Total		Variação (%)
	2006	2017	2006	2017	2006	2017	
Arroio Trinta	334	X	40	X	374	193	-48,4
Iomerê	216	X	80	X	296	335	13,2
Lindóia do Sul	1.380	X	94	X	1.474	182	-87,7
Presidente Castello	624	X	32	X	656	121	-81,6

Branco							
Xavantina	2.151	539	129	156	2.280	695	-69,5
Santa Catarina	45.040	9.919	6.713	6.591	51.753	16.510	-68,1
Brasil	554.213	218.170	72.271	104.068	626.484	322.238	-48,6

Fonte: IBGE Censo Agropecuário (2006 e 2017).

Como mostra a tabela 8, entre a população ocupada com a criação de suínos em Santa Catarina houve uma queda 68,1% em onze anos, mostra que o modelo de integração viabiliza a agroindústria a submeter os produtores aos seus objetivos, aumentando a concentração da produção e a exclusão de uma massa de agricultores do processo de criação dos suínos.

As empresas vêm promovendo um processo de concentração pela implantação de megaprojetos com capacidade de alojamento de mais de 4.000 porcos, com investimento inicial acima um milhão de reais, inviabilizando a continuidade da maioria dos agricultores na atividade. A cada novo projeto implantado, são excluídas mais de 5 propriedades da produção, considerando que essas novas empresas geram em torno de 3 empregos, e que as cinco propriedades no sistema atual, ocupam a mão de obra de 2 pessoas, em cada uma o desaparecimento de 7 empregos em cada projeto implantado (COLETTI, 2009).

Mesmo com um crescimento considerável na demanda por suínos, ela não conseguiria compensar um movimento dessa magnitude, que parece ser a característica principal deste novo momento: a gestão empresarial da suinocultura. (COLETTI; LINS, 2011)

Portanto, como se pode observar, nas últimas décadas a relação entre a agroindústria e a agricultura familiar provocou transformações na cadeia suinícola. A modernização tecnológica, sobretudo a mecanização e avanço das economias de escala, aliadas a um processo de êxodo rural, principalmente nos anos 90, quando ocorreu uma redução gradativa da população ocupada no setor.

O apoio para as famílias que permanecem na agricultura, deveria seguir os modelos já existentes de produção orgânica e agroecológica, horticultura, fruticultura, permitindo transformar o solo e criar floresta, e substituir a monocultura e modificando o meio ambiente. As alternativas que surgiram através de movimentos sociais e Organizações Não Governamentais (ONG's), e têm o poder público, empresas privadas e cooperativas para auxiliar as ações que visam ser alternativa ao modelo capitalista de exclusão e representam o exercício de um novo modelo de organização econômica e social.

A substituição da produção para um modo de produção capitalista intensivo, tem como objetivo atingir um efetivo cada vez maior com menos produtores, desta forma são levantadas questões a respeito das políticas de inclusão das famílias afetadas, que possam obter alguma alternativa a não ser a exclusão da atividade e do meio rural.

A suinocultura é fundamental para a dinâmica urbana dos municípios selecionados, em consequência os produtores que estão fora do modelo agroindustrial de integração, devem pensar em alternativas para a atividade como a construção de novos sistemas de produção, com outros produtos de valor comercial em substituição aos suínos, ou a migração para os centros urbanos (COLETTI, 2009). Os efeitos sobre a dinâmica econômica dos municípios serão apresentados no capítulo 4.

4 EFEITOS SOBRE A DINÂMICA ECONÔMICA DOS MUNICÍPIOS

Os efeitos da globalização no início do século XXI provocaram a transferência do poder político para o controle dos mecanismos do mercado. O setor suinícola é caracterizado pela monopolização de empresas transnacionais, as mesmas alimentam promessas para o governo de atração do grande capital global pela internacionalização. Entretanto, o estado para se defender deve adotar políticas de proteção e cumprir com funções básicas de planejamento econômico e social, porém há um distanciamento dos pequenos produtores da ação pública (LINS, 2003).

Dessa forma, os municípios selecionados recebem influência direta das políticas praticadas pelas empresas transnacionais, que estabelecem acordos rígidos de produtividade e transferem os possíveis custos inesperados e prejuízos estruturais para os produtores.

Os municípios selecionados apresentam características semelhantes entre si, como a localização, encontram-se na região oeste do estado, e possuíam população menor que 5 mil habitantes até o ano de 2017.

Nas localidades, a suinocultura é a principal atividade de contribuição para o PIB. São municípios localizados próximos de um polo agroindustrial, onde estão instaladas as plantas frigoríficas, geralmente concentradas em centros maiores; no caso dos municípios selecionados, são próximos a Xanxerê, Joaçaba, Videira e Concórdia, onde é feito o abate e processamento.

Percebe-se que, nos municípios selecionados, todos são utilizados especificamente para a criação dos suínos, limitando a diversificação da produção por não haver apoio do estado para outras atividades e nem das companhias que comandam o setor econômico através de contratos com os produtores.

No ano de 2006, no município de Iomerê, a venda de suínos representou 48,69% do PIB total, porém, em onze anos, o crescimento populacional permaneceu estável, portanto, a atividade dos suínos, teve uma estabilização econômica nos municípios, não criando novos empregos.

As principais transformações afetam diretamente os agricultores familiares, por não suportarem a manutenção da estrutura e a quitação dos empréstimos em períodos de crise, afunilando os produtores. Desse modo, o suinocultor ou irá ser integrado pelas agroindústrias ou abandonar a atividade.

O cenário futuro precisa da atenção por parte das políticas estatais para esse setor, e implantar políticas públicas que possam reduzir os danos no desenvolvimento dos municípios. A disponibilização de crédito barato possibilita aos empresários do setor assumir risco baixo pelo investimento, são favorecidos por incentivos dos órgãos públicos como o BNDES, que fornece crédito barato aumentando produtividade e concentração pela empresa integradora.

Miele (2006) mostra que os produtores que procuram por contratos de parceria podem assumir o risco de obter financiamento e alavancar o seu capital de giro, por meio de mercados que protegem das sazonalidades, porém com baixa rentabilidade e pouca autonomia dos produtores. Aqueles que ao longo dos anos apresentam sucessivos prejuízos com a atividade, acabam abandonando a atividade sem nenhuma ajuda pública ou privada, na tentativa de continuar no campo.

Nesse sentido, a concentração ocorre em todas as etapas, da criação até o abate, de modo que a sociedade capitalista, está firmada na propriedade privada dos meios de produção e na exploração dos trabalhadores assalariados, a função do estado acaba sendo a defesa dos interesses dos grandes produtores, tornando o ambiente seguro para investimentos altos.

Dessa forma, o produtor familiar tornou-se ineficiente e descartável diante da agressividade das políticas de expansão do sistema produtivo. A escolha das agroindústrias dos novos produtores é baseada em um perfil que possibilita o aumento da sua capacidade produtiva para alcançar ganhos de escala, logística, gerência, controle e difusão de novas tecnologias (MIRANDA, C.; MIELE, M., 2009).

4.1 POPULAÇÃO

O processo de migração causou encolhimento da população rural, principalmente em pequenos municípios. Em consequência disso, houve uma diminuição da atividade econômica dessas localidades pelo processo migratório provocado pela crise dos sistemas de produção da agricultura familiar e pela falta de oportunidades de permanência da população, intensificando ainda mais a migração e desencadeando uma circular negativa (MYRADAL).

Uma das alternativas para esses agricultores é construir novos sistemas de produção com outros produtos de valor comercial que substituam a suinocultura, como exemplo dos modelos agroflorestais, que produzem alimentos criando florestas de maneira sustentável.

O envelhecimento dos integrantes nos núcleos familiares e o desgaste das estruturas arcaicas são fatores que levam a apropriação da parcela do efetivo pelo capital agroindustrial, excluindo geralmente os estabelecimentos familiares, ou aqueles que não se propuseram a aumentar a produtividade através da modernização das granjas e da instalação de padrões inovadores. (COLETTI, 2009)

Presidente Castello Branco e Arroio Trinta tiveram uma diminuição do número de habitantes. Os dois municípios estão longes em comparação com os outros em distância dos polos agroindustriais, sendo um fator que influencia nos custos com o transporte. O favorecimento das empresas para os estabelecimentos que contribuam para a diminuição dos custos atrapalha o desenvolvimento das localidades que são dependentes da produção de suínos.

Por não estar havendo espaço para diversificação das atividades econômicas e da permanência da população nas áreas rurais, há um processo de migração pela busca de novas oportunidades.

Tabela 9: POPULAÇÃO POR MUNICÍPIO

Localidade	2006	2017	Variação (%)
Arroio Trinta	3.605	3.564	-1,14
Iomerê	2.707	2.917	7,76
Lindóia do Sul	4.485	4.615	2,90
Presidente Castello Branco	2.155	1.610	-25,29
Xavantina	3.992	4.012	0,50

Fonte: IBGE Estimativas da população.

Com a variação de -25% dos habitantes em um curto espaço de tempo, Presidente Castello Branco pode servir de exemplo de como o fenômeno da migração atinge municípios que não são capazes de formular políticas públicas e criar alternativas para a situação de abandono dos agricultores familiares e de pequeno porte.

Influenciando no dinamismo e reestrutura o sistema da produção agrícola familiar, pela falta de sucessores, de recursos naturais como, água, solo, do encarecimento da atividade e a limitação da continuidade das famílias. A intenção de gerar renda para a sustentação da família permite a escolha da espera pela aposentadoria viver com um salário de subsistência.

4.2 RENDA

Indicadores de atividade econômica são importantes para governos, instituições financeiras, grupos empresariais entre outros, pois mostram uma fotografia dos movimentos econômicos.

O PIB per capita apesar de ser um indicador que diz pouco sobre a desigualdade dos municípios, pode ser capaz de correlacionar a qualidade institucional e o nível de desenvolvimento econômico, podendo demonstrar como as instituições públicas e privadas afetam o nível de renda e de geração de oportunidades econômicas, para poder fornecer incentivos aos investimentos, promovendo a distribuição de riqueza, aumento do capital humano e incentivo as inovações (PEREIRA; NAKABASHI; SACHSIDA, 2011).

Tabela 10: PIB REAL PER CAPITA (R\$ de 2017)

Localidade	2006	2017	Variação Acumulada (%)
Arroio Trinta	20.539	25.865	25,9
Iomerê	35.768	43.606	21,9
Lindóia do Sul	22.839	23.719	3,9
Presidente Castello Branco	18.695	28.517	52,5
Xavantina	32.896	45.608	38,6

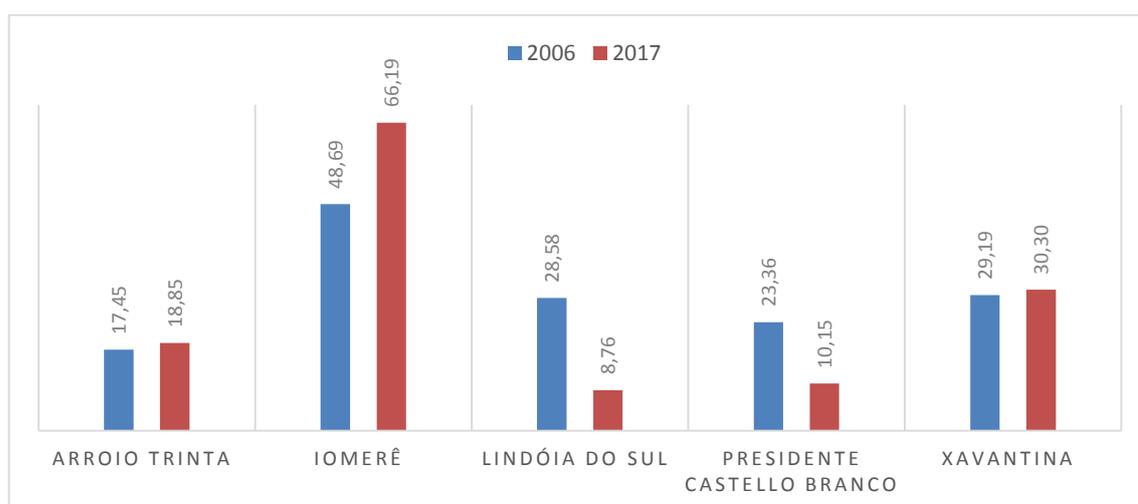
Deflator Implícito do PIB (2017 = 100)

Fonte: IBGE, Produto Interno Municipal e Estimativas da população.

Entre 2006 e 2017 todos municípios selecionados tiveram aumento do PIB per capita, o uso de indicadores econômicos pode ser enganoso por não trazer a realidade sobre o município, Presidente Castello Branco pode ser um indicativo pois teve maior variação acumulada de 52,5%, que se deve a queda da população em 25,29%, portanto o aumento do PIB per capita se deu pela diminuição da população.

Já em Lindóia do Sul, o aumento foi de 3,9% sendo o PIB per capita com menor crescimento acumulado, o resultado estar abaixo dos demais está correlacionado com a participação da venda de suínos no PIB ter reduzido 19,82%, o que mostra a significância da atividade suinícola para o PIB per capita do município.

Gráfico 1: PARTICIPAÇÃO RELATIVA DA VENDA DE SUÍNOS NO PIB (%)



Fonte: IBGE Censo Agropecuário (2006 e 2017) e Produto Interno dos Municípios.

O município de Iomerê teve aumento de 21,9% do PIB per capita, ao mesmo tempo que elevou a participação relativa da venda de suínos no PIB em 17,5%. Apesar do crescimento a participação relevante se deve aos estabelecimentos não familiar, ter aumentado em 198,98% o valor da venda de suínos, enquanto foi registrada uma queda de 58,1% nas vendas de suínos por estabelecimentos familiares.

Uma hipótese levantada é que os estabelecimentos familiares que continuam na criação dos suínos, porém na sua maioria tornaram-se estabelecimentos nos moldes empresariais. Dessa forma as propriedades familiares e não familiares, possuem as mesmas características produtivas, visando à maximização do lucro e minimização dos custos, cumprindo com as exigências contratuais das agroindústrias.

4.3 EMPREGO

Na tabela número 10 observa-se que, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), é possível visualizar que todos os municípios tiveram variação positiva do número de trabalhadores formais, entretanto, nenhum demonstrou um resultado expressivo. Por tratar-se de um intervalo de 11 anos, a maior dependência da produção de suínos impede o desenvolvimento desses municípios.

Tabela 11: EMPREGOS FORMAIS

Localidade	2006	2017	Varição (%)
Arroio Trinta	715	840	17%
Iomerê	428	740	73%

Lindóia do Sul	458	657	43%
Presidente Castello Branco	152	245	61%
Xavantina	294	481	64%

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)

Nessas localidades em que a principal fonte de renda é a produção de suínos, se deve prevalecer a organização social, econômica e política, fortalecidas pelas das instituições públicas, através de subsídios e programas de auxílio ao produtor familiar.

A intervenção através de políticas públicas para a permanência da população no campo é estratégia central para que essas terras não se tornem territórios improdutivos. Pois, somente a criação de animais é insuficiente superar os desafios futuros do não abandono dessas terras.

Conforme a tabela 7, no município de Lindóia do Sul, teve uma queda de 1.474 pessoas ocupadas em 2006, restaram somente 182 em 2017, em um município que a população total em 2017 era de 4.615 pessoas, significa que quase um terço da população parou de trabalhar com suínos. Após a intensificação desse modelo por mais de três décadas, há um impacto direto na agricultura familiar, que sempre foi figura central da atividade suinícola.

4.4 ARRECADAÇÃO TRIBUTÁRIA

O poder econômico, ao capturar o poder político, aplica políticas agrícolas pensadas no favorecimento do modelo agroexportador Brasileiro. Dessa forma, cria-se um dos fatores que impulsionam o modelo desigual da estruturação da sociedade brasileira, distribuindo os custos para a sociedade através da elisão fiscal. (OXFAM BRASIL, 2016, 2017)

Os municípios têm a responsabilidade de manter a dinâmica econômica, fazendo com que as instituições funcionem como engrenagens, articulando o processo de crescimento. O complexo agroindustrial pode representar uma oportunidade de geração de empregos e de produção, ao mesmo tempo que pode se tornar uma ameaça por estar vinculado à desestruturação dos sistemas da agricultura familiar (COLETTI, 2009).

O retorno de cada município do repasse do ICMS depende da movimentação econômica dos municípios dos últimos dois anos. No Estado de Santa Catarina, é realizado através de um acordo com o índice calculado pela Secretaria da Fazenda, a fórmula de apuração do índice considera a distribuição de 15% dos valores de forma igualitária entre os

297 municípios catarinenses, sendo outros 85% distribuído de acordo com o movimento econômico apurado. (COLETTI, 2009).

Tabela 12: ARRECADAÇÃO TRIBUTÁRIA COMO PERCENTUAL DO PIB

Localidade	ISS		Cota-parte ICMS		Total		
	2006	2017	2006	2017	2006	2017	2017-2006
Arroio Trinta	0,10	0,21	5,66	6,19	5,76	6,40	0,64
Iomerê	0,11	0,17	5,53	5,50	5,64	5,67	0,03
Lindóia do Sul	0,17	0,33	5,80	7,28	5,97	7,61	1,64
Presidente Castello Branco	0,17	0,16	9,80	9,74	9,98	9,91	-0,07
Xavantina	0,28	0,17	4,67	5,16	4,95	5,33	0,38

Fonte: IBGE, Produto Interno Municipal e FINBRA (Finanças Municipais)

O ICMS é um tributo com alto grau de complexidade devido ao fato de que cada estado possui sua própria legislação, com o intuito de aumentar o retorno para cada município. A contribuição da suinocultura para geração de emprego e renda nos municípios selecionados contribui significativamente para o movimento econômico, sendo que o ICMS impacta indiretamente outros setores da economia pelo maior repasse da cota parte para o município.

Pela tabela 12, verificou-se um aumento da cota parte do ICMS em quatro municípios, o maior aumento foi do município de Lindóia do Sul em 1,64 pontos percentuais. A arrecadação do Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISS) como percentual no PIB aumentou em três municípios, o município de Xavantina teve maior diminuição da arrecadação do imposto.

A influência das políticas públicas voltadas para agricultura familiar, devem se tornar prioridade em momentos de reorganização produtiva, seja através da previdência social, do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), da universalização do acesso à educação e das iniciativas tomadas pelos poderes públicos locais, com o intuito de amenizar os impactos negativos da reestruturação produtiva, desencadeada a partir das estratégias das grandes agroindústrias (COLETTI, 2009).

4.5 ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS MUNICÍPIOS CATARINENSES

O Índice de Desenvolvimento Sustentável dos Municípios Catarinenses (IDMS) foi criado pela Federação Catarinense de Municípios (FECAM) como uma ferramenta para a aplicação do conceito de desenvolvimento municipal sustentável construído a partir de indicadores que possibilitam diagnosticar o grau de desenvolvimento de um território.

Podendo evidenciar as prioridades municipais e regionais e situar as municipalidades em relação a um cenário futuro desejável em relação à sustentabilidade é entendida como o desenvolvimento equilibrado das dimensões Social, Cultural, Ambiental, Econômica e Político-institucional.

A ferramenta busca auxiliar os agentes públicos a se situar em relação a um cenário futuro desejável e a definir prioridades locais visando à conquista de patamares mais elevados de sustentabilidade e bem-estar social. resulta da média aritmética das subdivisões dos quatro pilares do desenvolvimento municipal, a equação gera um indicador que varia entre zero (0) e um (1), sendo que quanto mais próximo a um (1) maior será a sustentabilidade e quanto mais próximo de zero (0) o valor do IDMS menor o grau de sustentabilidade do município (FECAM, 2015).

Tabela 13: ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS MUNICÍPIOS CATARINENSE (IDMS)

Localidade	2012	2016	Diferença
Arroio Trinta	0,613	0,659	0,046
Iomerê	0,616	0,641	0,025
Lindóia do Sul	0,621	0,630	0,009
Presidente Castello Branco	0,591	0,654	0,063
Xavantina	0,604	0,615	0,011

Fonte: FECAM, (Federação Catarinense de Municípios)

Os índices estão disponibilizados somente para os anos de 2012 e 2016, a comparação do desenvolvimento equilibrado dos municípios no período permite afirmar que Lindóia do Sul e Xavantina tiveram um desenvolvimento sustentável abaixo da média dos demais, conforme o índice que considera de 0,500 a 0,624 como médio baixo e 0,625 a 0,749 médio, o melhor resultado apresentado foi o de Arroio Trinta apresentou maior avanço durante os 4 anos. Vale ressaltar a importância das políticas públicas que buscam promover o desenvolvimento rural de forma inclusiva e sustentável.

O cenário futuro depende da contribuição do estado e empresas para criar políticas para os municípios, tanto para o aquecimento da economia das áreas afetadas, fomentando o consumo e produção. Buscando a permanência dos agricultores que vem sofrendo maiores

consequências dessa inclusão da cadeia suinícola ao modelo global, entretanto, a pressão do mercado interacional sobre as transnacionais interfere na movimentação econômica e nos planos de desenvolvimento dos municípios.

5 CONCLUSÃO

A agropecuária catarinense é de predominância das pequenas propriedades de produção familiar e diversificada. As atividades da agricultura e da pecuária podem pertencer a dois grupos: um que compete com empresas de dinâmica internacional com grande competitividade e outro de uma produção local, com pouca competição no mercado.

Este trabalho teve como objetivo analisar as transformações da cadeia produtiva dos suínos e como o capital agroindustrial tem impactado a realidade da agricultura familiar, no qual as estratégias de crescimento e reestruturação do capital agroindustrial suinícola são definidas a partir da maximização dos lucros e eliminação dos produtores que impactam negativamente a demonstração de resultado das empresas.

A cadeia produtiva de suínos catarinense permanece como uma das mais competitivas do mundo, porém os desafios e transformações permitem afirmar que em um futuro próximo a atividade estará centralizada em pequeno grupo de produtores, e a permanência da agricultura familiar vai ser dificultada, principalmente pelo volume de capital exigido para construção ou ampliação da infraestrutura.

Conforme os dados coletados, as propriedades familiares perderam participação na atividade suinícola, constatou-se que em todos os municípios selecionados houve uma diminuição da participação relativa da venda de suínos no PIB. No município de Iomerê houve uma queda de 16,56% da participação dos agricultores familiares, enquanto as propriedades não familiares tiveram um aumento de 34,06%. No mesmo município o valor de venda dos estabelecimentos não familiares teve uma variação positiva de 198,8% enquanto em propriedades familiares houve uma queda de 58,01%.

A dificuldade da reprodução da agricultura familiar também é vista na variação da população ocupada na criação de suínos, em Lindóia do Sul e Presidente Castello Branco houve uma queda de 87,7% e 81,6% respectivamente, comprovando que está ocorrendo a exclusão dos agricultores familiares do setor.

O sistema de integração das agroindústrias modifica o meio da zona rural e das comunidades que dependem da atividade. A exclusão dos produtores evidencia uma estratégia de concentração e a diminuição do dinamismo econômico da agricultura familiar causa a desestruturação do sistema produtivo predominante.

É importante destacar que existe a construção de novos sistemas de produção, exigindo a ampliação e diversificação de outros produtos de valor comercial que substituem os suínos e o fator de imigração para os centros urbanos que geralmente não estão preparados para aumentar a população, causando esvaziamento econômico e populacional.

A alta dependência da indústria frigorífica deve ser interrompida para alcance do desenvolvimento, desta maneira o impacto direto das políticas públicas para transformação positiva nas áreas afetadas pela produção de suínos.

Visando à construção de novas redes econômicas e sociais, que fortaleçam a agricultura familiar, principalmente na criação de políticas que possam subsidiar e auxiliar na produção agroflorestal, que é uma maneira sustentável e rentável para transformação dessa realidade, substituindo o modelo antigo de produção de carne para um modelo agroecológico, de diversidade de alimentos.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, P. F.; SAES, M. S. M. **Competitividade: mercado, estado e organizações**. São Paulo: Singular, 1997.
- BRAND, Maicon L. **Eficiência da Cadeia de Exportação de Carne Suína Catarinense**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Economia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- CAMPOS, I. **Análise do Sistema de Integração Agroindustrial em Suínos e Aves em Santa Catarina**. Florianópolis: Ceag, 1987.
- CAMPOS, I. **Os colonos do Rio Uruguai: relações entre a pequena produção e agroindústrias no Oeste Catarinense**. 1987. 353f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural e Regional) - Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1987.
- CHESNAIS, F. A globalização e o curso do capitalismo de fim-de-século. In: **Economia e Sociedade**, Campinas, n.1, ago. 1992.
- CHIUCHETTA, O.; SANTOS FILHO, J. I. A taxa de câmbio e sua influência na utilização agrônômica dos dejetos suínos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE VETERINÁRIOS ESPECIALISTAS EM SUÍNOS. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Veterinários Especialistas em Aves (ABRAVES).
- COLETTI, T. **Organização da produção na agricultura familiar: análise das proposições do sindicalismo rural cutista no Sul do Brasil**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Economia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- COLETTI, Tomé. **Agroindústria suinícola e agricultura familiar: uma “crônica” sobre a trajetória histórica no oeste catarinense**. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- CONFEDERAÇÃO nacional da agricultura. Perfil da Agropecuária Brasileira. Brasília: CNA. Coletanea Estudos Gleba, 4, 1996.
- DA SILVA, José Graziano. et al. Tecnologia e Campesinato: o caso brasileiro. **Revista de Economia Política**, v. 3 n° 4, 1983.
- DE CASTRO, César Nunes. A agropecuária na região sul: limitações e desafios futuros. **Textos Para Discussão**, Rio de Janeiro, v. 1993, n. 1, p.1-42, ago. 2014.
- FACHINELLO, Arlei Luiz; FILHO, Jonas Irineu dos Santos. Agricultura e agroindústria: panorama, impasses e perspectivas do sistema agropecuário. In: MATTEI, Lauro; LINS, Hoyêdo Nunes (Org.). **A Socioeconomia catarinense: cenários e perspectivas no início do século XXI**. Chapecó: Argos, 2010.
- FAO. FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **World Food Day**. 2014a. Disponível na internet por http em: jun. Acesso em: 04.06.2021.
- FARINA, Elizabeth M. M. Q. Competitividade e coordenação de sistemas agroindustriais: um ensaio conceitual. **Gestão & Produção**, São Carlos, v. 6, n. 3, p. 147-161, dez. 1999;
- FARINA, Elizabeth Maria Mercier Querido; AZEVEDO, Paulo Furquim de; SAES, Maria Sylvia Macchione. **Competitividade: mercado, estado e organizações**. [S.l.: s.n.], 1997.

FEDERAÇÃO CATARINENSE DE MUNICÍPIOS - FECAM. **Metodologia das variáveis do IDMS 2014**. 2014. Disponível em: Acesso em: 21 Agosto. 2021.

FERRARI, D. L. **Agricultura familiar, trabalho e desenvolvimento no Oeste de Santa Catarina**. 2003. Dissertação (Mestrado em Economia) -Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FILHO, Alcides G. Formação econômica de Santa Catarina: uma tentativa de síntese. In: MATTEI, Lauro; LINS, Hoyêdo Nunes (Org.). **A Socioeconomia catarinense: cenários e perspectivas no início do século XXI**. Chapecó: Argos, 2010.

FILHO, Alcides Goularti. **Formação Econômica de Santa Catarina**. 2. Ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2007.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 30ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

FURTADO, Celso. **O Capitalismo Global**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FURTADO, Celso. **O longo amanhecer: reflexões sobre a formação do Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GARCIA FILHO, D. P. **Análise e diagnóstico de sistemas agrários: guia metodológico**. Brasília: INCRA/FAO, 1999.

GUIMARÃES, Diego Duque et al. **Suinocultura: estrutura da cadeia produtiva, panorama do setor no Brasil e no mundo e o apoio do BNDES**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 45 , p.[85]-136, mar. 2017.

HIRATUKA, C.; SARTI, F. **Transformações na estrutura produtiva global, desindustrialização e desenvolvimento industrial no Brasil: uma contribuição para o debate**. Campinas: Instituto de Economia / Unicamp, jun. 2015. (Texto para Discussão, n. 255).

IBGE. Censo Agropecuário 2006. **Nota Técnica**. Consulta pelo site: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas>, Acesso em: 03 ago.2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário 2006**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário 2017**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2017.

LINS, Hoyêdo N. Promoção do desenvolvimento em escala territorial: uma abordagem com ênfase na experiência catarinense. In: **Texto para Discussão**. n. 6, Florianópolis, UFSC/CNM, 2003. Disponível em: <https://cnm.paginas.ufsc.br/files/2013/09/hoyedo06-03.pdf> Acesso em 27 ago. 2021.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEOPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MIELE, M.; WAQUIL, Paulo. D. Cadeia produtiva da carne suína no Brasil. **Revista de Política Agrícola**, v. 16, n. 1, p. 75-87, jan./mar. 2007.

MIELE, M.; WAQUIL, Paulo. D. **Estrutura dos Contratos de Integração na Suinocultura de Santa Catarina**. Comunicado Técnico 429. Santa Catarina: Embrapa, 2006.

- MIELE, M.; WAQUIL, Paulo. D. Estrutura e dinâmica dos contratos na suinocultura de Santa Catarina: um estudo de casos múltiplos. **Estudos Econômicos**, v. 37, n. 4, 2007.
- MIGUEL, L. de A. Abordagem sistêmica da unidade de produção agrícola. In: **GESTÃO e planejamento de unidades de produção agrícola**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. (Série Educação A Distância). n. 1, 2010, p. 34-42.
- MINISTÉRIO da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro**. AGROSTAT, [s.l], [s.d.].
- MIOR, Luiz Carlos. **Agricultores Familiares, Agroindústrias e Redes de Desenvolvimento Rural**. Chapecó: Argos, 2005.
- MIOR, Luiz Carlos. Perfis emergentes no setor alimentar. In: MALUF, R; WILKINSON, J. (orgs). **Reestruturação do sistema alimentar: questões metodológicas e de pesquisa**. Rio de Janeiro, CPDA/UFRRJ/REDCAPA.1999.
- MIRANDA, Claudio R.; MIELE, Marcelo. **Suinocultura e meio ambiente em Santa Catarina: indicadores de desempenho e avaliação sócio-econômica**. Concórdia: Embrapa suínos e aves, 2009. ISSN: 0101-6245; 120.
- MORETTO, Samira Peruchi; BRANDT, Marlon. **Das pequenas produções à agroindústria: suinocultura e transformações na paisagem rural em Chapecó, SC**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 11, n. 26, p. 239, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180311262019229>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- MYRDAL, G. **Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas**. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1960.
- MYRDAL, Gunnar. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas**. Rio de Janeiro: Saga, 1957.
- MYRDAL, Gunnar. **Teoria econômica e Regiões Subdesenvolvidas**. Rio de Janeiro: Saga, 1957.
- OXFAM BRASIL. **A distância que nos une: um retrato das desigualdades brasileiras**. OXFAM Brasil, São Paulo, 2017.
- OXFAM BRASIL. **Terrenos da desigualdade: terra, agricultura e desigualdades no Brasil Rural. Informe da Oxfam Brasil**, São Paulo, 2016.
- PEREIRA, Ana Elisa Gonçalves; NAKABASHI, Luciano; SACHSIDA, Adolfo. **Qualidade das Instituições e PIB per capita nos Municípios Brasileiros**. [S.l.]: Texto para Discussão, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2011.
- PEREIRA, Ana Elisa Gonçalves; NAKABASHI, Luciano; SALVATO, Márcio A. **Instituições e nível de renda: uma abordagem empírica para os municípios paranaenses**. **Nova Economia**, v. 22, n. 3, p. 597–620, 2012.
- RADIN, J.C.; CORAZZA, G. Formação de capital. In: **Dicionário Histórico-social do Oeste Catarinense**. Chapecó: Editora UFFS, 2018, pp. 75-78. ISBN: 978-85-64905-65-8.
- RELATÓRIO anual: 2019. **Associação Brasileira de Proteína Animal**. São Paulo. 2019. Disponível em: <https://abpa-br.org/wp-content/uploads/2019/08/Relat%C3%B3rio-Anual-2019.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2021.

RODRIGUEZ-ZUÑIGA, Manuel; SORIA, Rosa. **La articulación de las diferentes etapas del sistema agroalimentario europeo: evolución y perspectivas.** Revista Estudios Agro-Sociales, n. 157, julho/setembro, 1991.

Sales, L.E.M. et al. Avaliação da carne suína in natura comercializada em Mossoró-RN. **Acta Veterinaria Brasilica**, v. 7, n. 4, p. 306-310, 2013.

SANTINI, G. A.; SOUZA FILHO, H. M. Mudanças tecnológicas em cadeias agroindustriais: uma análise dos elos de processamento da pecuária de corte, avicultura de corte e suinocultura. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA RURAL, 42, 2004, Cuiabá. **Anais[...]** Cuiabá, Sober, 2004. p. 1-12

SANTOS, Fabiana; CROCCO, Marcos; LEMOS, Mauro B. Arranjos e sistemas produtivos locais em “espaços industriais” periféricos: estudo comparativo de dois casos brasileiros. **R. Econ. Contemp.**, Rio de Janeiro, 6(2), jul./dez. 2002, p. 147 – 180.

SILVA, Evelyn C.; VENDRAMINI, Anelise F. Blockchain e o desempenho de cadeias agroalimentares sustentáveis: um estudo de caso sobre o rastreamento de carne suína in natura. **FVG EASP Pesquisa**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://pesquisa-eaesp.fgv.br/publicacoes/pibic/analise-da-viabilidade-de-implementacao-do-blockchain-na-agricultura-brasileiraa>. Acesso em: 27 ago.2021.

TERHORST, Karin Inês Lohmann; SCHMITZ, José Antonio Kroeff. De porco a suíno: história da suinocultura e dos hábitos alimentares associados aos produtos dela derivados entre agricultores familiares do Vale do Taquari. In: MENASCHE, Renata (org.) **A agricultura vai à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007, p.100-119.

TESTA, V. M. et al. **O desenvolvimento sustentável do Oeste Catarinense** (proposta para discussão). Florianópolis: EPAGRI, 1996.

TOMÉ, Colleti; LINS, Hoyêdo Nunes. A Suinocultura no Vértice das Relações entre Agroindústria e Agricultura Familiar no Oeste de Santa Catarina. **Ensaio FEE**. Porto Alegre, v. 32, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revistas.dee.spgg.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/view/2464>. Acesso em: 27 ago. 2021.

WEYDMANN, C. L. et al. Cadeia produtiva suinícola. In: CARIO, Silvio A. F. et al. **Economia de Santa Catarina: inserção industrial e dinâmica competitiva**. Florianópolis: Nova Letra, 2008. p. 509-536.

WEYDMANN, Celso L; ALVEZ, João Marcos de S; PINTO Júlia P. de M; ALMEIDA, Gabrielle P. de. **Cadeia Produtiva suinícola**. Disponível em: http://www.labsad.ufsc.br/estudos_economia_SC/Trabalhos%20sobre%20economia%20catariense/0%20Sintese%20master%20plan/4.1%20CPR%20Avicola.pdf. Acesso em: 26 ago. 2021.

WILKINSON, J. Perfis emergentes no setor agroalimentar. In: MALUF, R. S.; WILKINSON, J. (Org.) **Reestruturação do sistema agroalimentar: questões metodológicas e de pesquisa**. Rio de Janeiro: REDCAPA, 1999. p. 27-43.

WILKINSON, John. **A Agricultura Familiar Face ao Novo Padrão de Competitividade do Sistema Agroalimentar na América Latina**. São Paulo: SESC, 2006.

WILKINSON, John. Os gigantes da indústria alimentar entre a grande distribuição e os novos clusters a montante. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 18, p. 147-174, abr. 2002

WILKINSON, John; MIOR, Luis Carlos. Setor informal, produção familiar e pequena agroindústria: interfaces. **Estudos Sociedade e Agricultura**. n° 13, 1999, p. 29-45, dez. 2013.